

KHADIJAH (MAËLYS)

— LUIZ RUFFATO

Ao desembarcar no pequeno aeroporto Félix Ébouet, em Matoury, não imaginava as diferentes sensações que me aguardavam naquela brevíssima permanência na Guiana Francesa. No saguão, ostentando uma placa com meu nome, o simpático motorista, Jean-Robert, me saudou, entusiasmado, Bonjou, Ben vini en Guyane, e logo me tomou das mãos a pequena mala, indicando que deveria segui-lo. De imediato, o calor e a umidade me fizeram arrancar o paletó e, ao entrar no Sandero preto, novo em folha, após caminhar sob o sol daquele fim de tarde de quinta-feira, já trazia a gravata enrolada no bolso da calça. Jean-Robert ligou o carro e anunciou que em quarenta minutos estaríamos no Hôtel des Palmistes, em Caiena. Então, pegou uma bela estrada, que serpenteava por entre a luxuriante floresta tropical.

A meio caminho, o primeiro assombro. Jean-Robert estacionou subitamente no acostamento e, saindo do carro, apontou para o céu azulíssimo, mostrando o rastro do foguete Ariane, que acabava de ser lançado a partir da base de Kourou, a uns setenta quilômetros de onde estávamos. Um bom sinal, um bom sinal, ele disse, evidenciando branquíssimos dentes perfeitos. Voltou à estrada e continuou tecendo comentários, bem-humorados, misturando francês e crêole, sobre assuntos os mais diversos, desde a culinária local – bouillon awara, seu prato preferido, e bluff de poison, o senhor não pode deixar de provar!, acompanhado de ti-punch e finalizado com oeuf mulet! – até futebol – torcia fanaticamente pelo Olympique local e pelo PSG de Paris -, passando por seu conhecimento sobre o Brasil – havia estado uma vez em São Paulo, a trabalho, e de vez em quando ia a Saint George, onde viviam seus pais, quando atravessava o rio de balsa para namorar as “brasilêrras”, as mulheres mais belas do mundo!, em Oiapoque.

Ao me deixar na porta do hotel, Jean-Robert desejou-me uma ótima estadia. Agradei e, enquanto me dirigia ao balcão da recepção, uma mulher, de seus cinquenta anos, alta, bonita, levantou-se de uma poltrona e veio ao meu encontro. Mouché Finetto, perguntou. Sim, respondi, e ela, estendendo a mão, se apresentou, Justine, Justine Martin. Ela trabalhava no gabinete do prefet da Guiana e desde o início demonstrara entusiasmo por aquela reunião onde discutiríamos projetos para desenvolvimento de núcleos de capacitação de mão-de-obra para imigrantes. Fez boa viagem? Respondi afirmativamente, desculpei-me por estar sem gravata, ela sorriu, dando a entender que aquilo era desnecessário, tanto a gravata quanto a desculpa, e, por

fim, indagou se eu gostaria de aproveitar o início da noite para conhecer um pouco da cidade. Embora exausto, aceitei o convite, disse apenas que deixaria minha mala no quarto e desceria em seguida.

Desde que me aposentara, após quase trinta anos como funcionário do Banco Mundial, troquei Washington por um pequeno sítio em Itaipava, distrito de Petrópolis, na serra fluminense, onde me isolara. Havia decidido cuidar de plantas, tinha uma sortida coleção de orquídeas, e me dedicar à leitura dos livros que empilhara ao longo dos anos no pequeno apartamento que conservava no Rio de Janeiro, mas não durou muito esse propósito. Logo, uma organização não-governamental, dedicada a auxiliar brasileiros expatriados, me procurou pedindo conselhos e orientações e, quando percebi, encontrava-me totalmente absorvido pelo projeto.

Entrei no Twingo vermelho de Justine, já bastante usado, e demos um largo passeio - quando se aproximava de algum ponto turístico, ela diminuía a velocidade e indicava, Este é o Fort Cépérou, Este é o Vieux Port, Este é o Village Chinois, Este é o Stade de Baduel... E sempre terminava com a frase: O senhor terá oportunidade de conhecê-lo melhor no sábado, à luz do dia – embora ela não soubesse que eu dispunha de outros planos para aquele meu único intervalo de folga. Terminamos jantando num restaurante chamado Cosy, onde experimentei um colombo de porc – prato típico não mencionado por Jean-Robert – e provei a boa cerveja local, Jeune Gueule.

Na manhã seguinte, ao descobrir que apenas trezentos e cinquenta metros separavam o hotel do prédio da Préfecture, dispensei Jean-Robert, que me aguardava solícito na calçada, e perfiz o trajeto em exatos cinco minutos, sob o sol já incandescente. A sexta-feira despendemos inteira enfiados num confortável salão com ar-condicionado. Protocolarmente, o préfet recebeu-nos com um breve discurso e despediu-se, dando lugar a Justine, que conduziu os trabalhos com competência e graça. Não paramos nem para almoçar, apenas fizemos um coffee break, pois tínhamos muitas experiências a compartilhar. Passava das quatro horas, quando finalmente demos por encerrada a reunião. Animado, alguém propôs que aproveitássemos o fim de tarde, Tchivé!, afinal era sexta-feira, para aplacar o calor, que alcançava uns trinta graus, sugestão aceita após rápida confabulação.

Formávamos um pequeno grupo, oito pessoas bebendo ti-punch, um drinque que lembra a caipirinha brasileira, sentadas a uma mesa do lado de fora do CocoSoda, observando o sol iniciar sua lenta imersão nas águas acinzentadas da enseada de Montabo. Havia três aparelhos de televisão, enormes, espalhados pelo bar, o mais próximo de nós transmitia o jogo amistoso em que a França enfrentava a Alemanha, espécie de revanche pela derrota dos franceses nas quartas-de-final

da Copa do Mundo de 2014, partida que abriu caminho para que os alemães se tornassem campeões naquele ano. Apenas Didier, um jovem sociólogo francês, parecia interessado nos desdobramentos do confronto – ele se levantava de tempos em tempos para assistir o replay de algum lance mais perigoso.

Achávamo-nos bastante felizes, aquele promissor encontro inaugural pressagiava a concretização de um programa abrangedor para lidar com a difícil situação dos imigrantes, em particular dos brasileiros, quase sempre vivendo, irregularmente, em bidonvilles, nos arredores de Caiena, quando Didier, retornando do banheiro, disse ter ouvido o locutor comentar qualquer coisa como o barulho de uma explosão do lado de fora do Stade de France, mas como o jogo continuou a se desenrolar normalmente, nenhum de nós deu importância ao fato, e voltamos à nossa descontraída conversação. Algum tempo depois, no entanto, percebemos um tumulto em frente a uma das outras duas televisões, a que transmitia o noticiário da France International, e, curiosos, nos deslocamos para lá. Então, tivemos as primeiras informações de que parecia – tudo bastante incerto ainda – que uma série de atentados terroristas estava em curso em Paris.

Um clima de consternação se apossou dos que nos achávamos no bar. Olhávamos estupefatos para a tela, em que imagens confusas mostravam pessoas em pânico, enquanto repórteres atordoados tentavam decifrar o que ocorria, sem sucesso. Ao mesmo tempo, na outra televisão, a torcida comemorava o segundo gol da seleção francesa... Então, de repente, chacoalhado pelo desespero, o grupo se dispersou, pendurado nos celulares – afinal, todos ali contavam com parentes, amigos ou conhecidos na França. Eu mesmo fiz ligações para ex-colegas do Banco Mundial, buscando alguma informação que esclarecesse o que acontecia, mas àquela altura nos mantínhamos igualmente ignorantes.

Voltei para a frente da televisão, onde Didier permanecera, hipnotizado. As notícias, terríveis, se avolumavam. A polícia confirmara que homens-bomba haviam se explodido nas imediações do Stade de France, e muitos torcedores, após o fim da partida, se amontoavam, assustados, no gramado. Também corriam relatos de atentados aleatórios pelas ruas da cidade e que dentro do teatro Bataclan ouviam-se tiros e explosões. Não avistei mais Justine. O bar se esvaziara: além de mim, de Didier e do dono do bar e dois garçons, apenas um casal ainda se conservava ali, paralisado pelo medo e pela perplexidade – a mulher chorava convulsivamente, enquanto o homem mirava a fumaça do cigarro dispersar-se no vazio. Esgotado, resolvi retornar ao hotel. Paguei a conta, pedi que chamassem um táxi, me despedi rapidamente de Didier, e fiquei na porta aguardando. Daí a pouco o carro chegou, entrei, o motorista, sem baixar o volume do

rádio que retumbava dancehall guyanais, indagou o destino e partiu dentro da noite, escura e abafada, alheio ao que ocorria a sete mil quilômetros dali.

No quarto, não consegui relaxar. Da mesma maneira que cheguei, acomodei-me sentado na cama, liguei a televisão e continuei acompanhando o noticiário, o número de mortos no Bataclan contava-se às dezenas, até que, em algum momento, adormeci. Despertei com o telefone tocando, a recepcionista dizendo que me esperavam para a excursão... Só então lembrei que havia contratado um passeio à ilha do Diabo! Sem conseguir raciocinar, levantei, escovei os dentes, lavei o rosto, troquei de roupa e baixe, ainda zozzo. Desculpei-me, entrei na van, sob o olhar reprovador dos outros turistas, e rumamos para Kourou. Cansado, cochilei ao longo do trajeto e só acordei quando estacionamos no píer, onde nos aguardava um catamarã. Ainda comprei, por puro hábito, um jornal, France-Guyane, que dobrei e enfiei debaixo do braço.

Embora atordoado pelos acontecimentos da noite passada, ao pisar na ilha do Diabo me vi guindado a outra época. De novo me encontrei adolescente, morando em quartos de pensões baratas nos arredores da rodoviária de Juiz de Fora, compartilhando mofo e pulgas com peões de obra, pequenos traficantes, drogados, vagabundos, prostitutas, alcoólatras, e onde, em fins de semana de fome e solidão, havia lido, sôfrego, a história de Henri Charrière, o Papillon – à qual, não sei porque, sobrepunha a de Edmond Dantès, o Conde de Monte Cristo... E, agora, me achava ali, no exato local em que Papillon estivera preso, o vento suave que acariciava meu corpo atravessava as paredes em ruínas das pequenas celas e do refeitório, abrindo clareiras entre os galhos das árvores, deixando entrever as ondas do mar azul-turquesa quebrando nas areias brancas lá embaixo: o inferno, o paraíso... De volta a Kourou, almoçamos no Le P'tit Café, e regressamos a Caiena.

Na recepção do hotel, um bilhete de Justine se desculpava pelo sumiço na noite anterior e sugeria, caso não fosse incomodar, que nos encontrássemos para um drinque na manhã seguinte, para despedirmos – eu embarcaria para Belém à tarde. No quarto, liguei para ela e acertamos de nos rever no bar do hotel às onze horas. Pela televisão me atualizei sobre os atentados, reivindicados pelo autodenominado Estado Islâmico. Já se sabia que haviam sido três ataques com homens-bomba nas imediações do Stade de France, fuzilamentos em três locais distintos de Paris e um massacre no Bataclan, ainda sem um número exato de vítimas, mas que seguramente ultrapassava as cem pessoas assassinadas. Mais tarde, comi um club sandwich e tomei uma cerveja 1664, assistindo um filme estúpido, para tentar me alienar dos desvarios do mundo.

Trazia os nervos tão perturbados pelas últimas ocorrências que me peguei sentado no deque do bar tomando ti-punch às dez e meia... Apesar do calor, uma leve brisa soprava do mar, diminuindo o desconforto. Compenetrado, os olhos descansando no conjunto de palmeiras que empresta o nome ao hotel, nem reparei Justine se aproximar. Ela se postou à minha frente e assustei com seu aspecto: parecia ter envelhecido vários anos em dois dias. Cumprimentou-me, a mão fria, os músculos contraídos, arredou a cadeira, pediu um ti-punch, para me acompanhar, como disse, sorriso forçado, e acendeu um Gauloises, para meu espanto, pois não a vira fumar em momento algum na sexta-feira. Nitidamente, Justine se sentia incomodada com aquela situação e, muito provável, se encontrava ali apenas para se desincumbir de uma formalidade. Distraída, perguntou como havia sido o passeio pela ilha do Diabo, repeti mais ou menos o que já dissera ao telefone, perguntou se havia tido a oportunidade de conhecer Caiena, os pontos turísticos que mostrei na quinta-feira, lembrou, respondi que não, infelizmente, e mencionei que havia atravessado as madrugadas em busca de notícias sobre a tragédia de Paris, mas não de explicações, frisei, porque um ato covarde e odioso como aquele não tem explicação.

Não, não tem explicação, ela reiterou, soprando a fumaça azulada para longe. A mão trêmula, levou o copo à boca, murmurou qualquer coisa que não entendi, e, num gesto que se quis imperceptível, tentou disfarçar lágrimas que brotavam dos aturdidos olhos pretos. Só então percebi que suas unhas, antes elegantemente pintadas, exibiam-se maltratadas, e que seu rosto, sem maquiagem, transparecia desespero. Nunca sei como comportar nessas horas – apenas estendi a mão e premi seu antebraço, sinalizando que, quisesse, poderia contar comigo. Justine respirou fundo, esgotou o ti-punch, esmagou a ponta do cigarro no cinzeiro, e, sem olhar para mim, pediu desculpas, estou muito agitada, disse. Eu assegurei que não se preocupasse, tínhamos todos os nervos à flor da pele, mas ela, ignorando minha preleção vazia, sussurrou: Mouché Finetto, preciso desabafar com alguém, não aguento mais essa angústia!

Pedi mais uma rodada de ti-punch, Justine acendeu outro cigarro, suspirou, e, a voz baixa, iniciou um discurso, entrecortado apenas pelo esforço brutal para impedir que sucumbisse ao choro:

— Tenho um casal de filhos, Kevin e Maëlys... Kevin é casado, mora em Kourou, acabou de me dar outro netinho... Agora são dois, Kylian e Dylan... Maëlys é a mais nova, linda, inteligente... Não a julgue, por favor, não a julgue... Ela tem vinte e cinco anos agora... Há seis anos saiu para Amiens, estudar medicina... No começo, muito feliz, o sonho dela, ocupar-se das pessoas, desde criança queria ajudar um e outro... Depois dos primeiros meses, ela, sempre alegre e expansiva, passou a reclamar que sofria preconceito dos colegas, dizia que se sentia

isolada, ignorada... Eu, daqui de longe, não fazia ideia do tamanho dos problemas... Pensava que, passado algum tempo, ela superaria as dificuldades e, com seu carisma, logo se veria rodeada de amigos, de admiradores... Eu aguardava ansiosa o contato por skype aos domingos... Ouvia paciente as queixas e tentava minimizar a dor, reafirmando sua vocação para a medicina, insistindo que as contrariedades eram momentâneas, os anos correm, num piscar de olhos retornaria a Caiena, formada, orgulho da família, dos conhecidos... E encaminhava a conversa para assuntos amenos, pensando que assim a estaria ajudando. Falava do tempo, o contraste entre o calor sufocante daqui e o frio congelante de lá, comentava sobre os preparativos para o casamento de Kevin, e até, dominando minha repulsa, recordava alguma coisa engraçada do pai deles – um descabeçado que embrenhou na selva do Suriname em busca de ouro e nunca mais voltou, nem sei se continua vivo...

Justine parou para recobrar o fôlego, e retomou a fala, ainda mais ofegante:

— Há três anos, Maëlys contou que havia conhecido um rapaz, Issa, de Burkina-Faso... A princípio, fiquei muito feliz, ela parecia gostar muito dele, correto, trabalhador, uma forma de ter companhia, lidar melhor com o fato de estar tão longe de casa, entre estranhos... Pouco a pouco, porém... Pouco a pouco... Maëlys começou a dar sinais... preocupantes... As chamadas dos domingos diminuíram... Às vezes, um mês inteiro sem comunicação... Eu telefonava para a residência universitária onde ela morava, deixava recado, quase nunca retornava... Quando afinal me procurava, mostrava-se fria, em ligações rápidas, como se me evitasse... Até que parou de vez de dar notícias... Imagine meu desespero!... Então, comprei uma passagem para Paris, tomei um trem até Amiens e quando cheguei lá... não a encontrei... As colegas de alojamento me disseram que ela havia abandonado o curso há uns seis meses... Descreveram uma moça que em nada lembrava a minha filha... a minha Maëlys... Que se convertera ao islamismo, que se tornara arredia e intolerante... Eu não podia acreditar... A muito custo, indagando aqui e ali, descobri que ela mudara para Paris, onde vivia, casada, com Issa no 19e. arrondissement... Tive um pressentimento ruim... Me senti traída... Como Maëlys, minha princesa, minha menina adorada, podia ter feito aquilo comigo?! Minha decepção não era tanto pela conversão ou pelo casamento, mas por ter mantido segredo... Eu não merecia aquela falta de consideração... Mesmo indignada, busquei o endereço, uma rua nas imediações do metrô Ourcq, bati à porta do apartamento, Maëlys abriu, chador preto da cabeça aos pés, nenhum sinal de surpresa, nenhuma manifestação de contentamento... Olhos cheios de lágrimas, tentei abraçá-la, ela me rechaçou... Sentamos num sofá velho e empoeirado, a sala minúscula,

sem iluminação, cheiro de mofo... Antes que eu falasse qualquer coisa, ela, calma e distante, disse que não se chamava Maëlys, e sim Khadiya, pediu para que não a procurasse nunca mais... Como eu tentasse argumentar, ela, elevando o tom da voz, principiou a repetir um discurso cheio de ódio contra a civilização judaico-cristã, decadente e discriminatória, um discurso tão agressivo e intransigente, que, me sentindo incomodada e não querendo brigar, pedi para que ela parasse... Levantei, atônita, e percebi que, por baixo da vestimenta de Maëlys, a barriga crescia... Sem me despedir, desci as escadas escuras do prédio, caminhei horas pelas ruas, em prantos... Desde então, vivo apreensiva... Sei, sinto, meu coração de mãe não engana, se não estiver metido com esses atentados de agora, esse tal Issa, e quem sabe até a minha Maëlys... Em algum momento...

Justine bebeu o último gole do ti-punch, pegou a bolsa, ergueu-se, disse, Me desculpe, mouché Finetto, me desculpe, e deixou o bar atabalhoadamente, a ponta do cigarro queimando no cinzeiro.

LUIZ RUFFATO — Nasceu em Cataguases, Minas Gerais, em 1961. É escritor e jornalista, publicou diversos livros entre eles *Inferno provisório*, *De mim já nem se lembra*, *Flores artificiais*, *Estive em Lisboa e lembrei de você*, *Eles eram muitos cavalos*, *A cidade dorme*, *Verão tardio* e *Antigo futuro*. Suas obras ganharam os prêmios APCA, Jabuti, Machado de Assis, Casa de las Américas e o prêmio Hermann Hesse, na Alemanha. Suas obras já foram publicadas em quinze países.